

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

11. COMENTÁRIO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO (CSJ)

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 11. COMENTÁRIO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO (CSJ). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/35>

This I is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

11. COMENTÁRIO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO (CSJ)

Enquanto esperava o resultado de seus esforços em vista da ordenação sacerdotal, como lhe tinha pedido o Cardeal Prefeito da Congregação da Propagação da Fé, Francisco Libermann ocupa o seu tempo, no seu "pombal"⁷⁰, comentando, ao longo de 2 meses e meio (princípio de Setembro a meados de Novembro de 1840), o Evangelho de S. João (até cap.12, 23) sem outro instrumento à mão senão um texto latino deste seu evangelho preferido. Seguem-se alguns extratos do CSJ, capítulos 3 e 10.

A propósito do comentário de S. João (1840):

Foram feitas duas edições do Comentário de S. João do P. Libermann.

A primeira foi impressa nas oficinas da Missão de S. José de Ngazobil (Senegal), em 1872) com o "imprimatur" de Mons. Kobès e uma circular do Rev. P. Schewindenhammer que a recomendou aos membros da Congregação: «Era de temer que o nosso Santo fundador a destruísse mais cedo ou mais tarde. Assim, tendo-a encontrado, um dia, entre os seus papéis, em la Neuville, dei-me ao cuidado de lha retirar e guardar cuidadosamente em lugar seguro, pensando que viria um dia em que nos sentiríamos felizes, na Congregação, por encontrar estas linhas. Penso, caros confrades, que me estareis agradecidos por assim as ter salvo».

A segunda edição foi feita em S. Michel em Priziac, perto de Langonnet (França) (N.D. II, pp.229-230). Redigida também em francês, está igualmente esgotada.

O P. L. Vogel, cssp, assistente geral, preparou uma nova edição do Comentário em 1958, impressa na Bélgica por Desclée de Brouwer. Mas, segundo as suas próprias palavras, «a publicação integral, mostrando-se praticamente impossível nas condições atuais, foi necessário escolher os textos melhores, [...] operação delicada que implica uma mutilação».

Uma das primeiras tarefas do Centro espiritano era, pois, assegurar, quanto antes, a publicação integral, numa edição crítica que fosse aceite pelas Universidades, quando os confrades jovens o pretendam para os mestrados ou

⁷⁰ Via del Pinacolo, n.º 31. Esta rua foi destruída quando do alargamento das vias de comunicação. O n.º 31 ficava entre a ponta da Piazza Navona e a Igreja de S. Agostinho.

Congregação do Espírito Santo

teses de doutoramento em ciências religiosas.

Foi precisamente com fins científicos que o P. Joseph Lecuyer e o P. Amadeu Martins, por sugestão do P. Roger Le Déau, prepararam esta nova edição reportando-se directamente ao texto original do P. Libermann.

Mas passaram alguns erros mínimos, bem como algumas omissões, que não escaparam ao olho vigilante do arquivista de Chevilly, o P. Bernard Noel. Ele fez uma releitura do mesmo texto com o de Libermann, cuja escrita difícil lhe é familiar, preparando assim uma edição definitiva, que esperamos apresentar ao grande público muito em breve.

O P. Myles Fay, espiritano da província da Irlanda, traduziu para o inglês o manuscrito de Libermann, a partir do novo texto francês.

É esperando a aparição iminente duma edição francesa e duma edição inglesa do Comentário de S. João que preparamos este caderno espiritano, a fim de que todos os nossos confrades, através das traduções que se farão do texto original, possam ter acesso a esta meditação evangélica do nosso fundador.

O P. Roger Le Déau, cssp, professor de Sagrada Escritura no Instituto Bíblico de Roma e membro do comité de Amizade judeu-cristã, mandou-nos de Jerusalém uma reflexão pertinente sobre a importância, para os filhos de Libermann, do conhecimento do judaísmo.

O P. Claude Tassin, cssp, professor de Sagrada Escritura no Instituto Católico de Paris, expõe como e com que espírito o P. Libermann convida a ler a Bíblia.

O P. Michael Cahill, cssp, professor de Sagrada Escritura no Seminário Maior da Libéria, autor duma tese de doutoramento em ciência teológica apresentada no Instituto Católico de Paris em dezembro de 1985, intitulada: «Pesquisas sobre as influências rabínicas e as influências da Escola francesa no Comentário de São João», define o que devemos esperar, de modo realista, do Comentário.

O P. Félix Gils, cssp, professor de Sagrada Escritura na nossa Fundação do Oceano Índico, estudou de modo especial as páginas do P. Libermann sobre

Antologia Espiritana

as Bodas de Canã, e partilha, a este propósito, as suas descobertas, oferecendo-nos assim um método e uma chave para ler o Comentário.

O P. Félix Porsch, cssp, professor de Sagrada Escritura na Escola Superior de Filosofia-Teologia (SVD) de Santo Agostinho (Alemanha), faz uma análise detalhada do capítulo X do Comentário, sobre o Bom Pastor.

O P. James Okoye, cssp, assistente geral, e depois, professor de Sagrada Escritura no Instituto Católico da África de Oeste (CIWA), na Nigéria, comentou-nos as reflexões de Libermann sobre o Chamamento dos Discípulos, no primeiro capítulo.

O P. Libermann deverá ser o primeiro a sentir-se surpreendido por ver uma tal fila de exegetas espiritanos a debruçar-se sobre o seu texto; deve sentir-se feliz também pelo interesse e estima de que o rodeiam. [...]

P. Alphons Gilbert, cssp

P. Tony Geoghegan, cssp

Centro espiritano de pesquisa e animação

195, Clivo di Cinna, 001 Roma, Itália⁷¹

Comentário do Evangelho de S. João⁷²
Pelo P. Francisco Maria Paulo Libermann

Nota importante antes de ler estes cadernos⁷³

O Deus único seja louvado e glorificado em todas as coisas por seu Filho bem-amado e pela sua Santíssima Mãe, a Virgem Maria!

Quando estive em Roma, vivia muito retirado e não tinha nada para fazer. Para não ficar assim sem fazer nada, procurei uma ocupação piedosa que pudesse ser útil à salvação da minha alma e ao seu progresso espiritual de que ela tem grande necessidade. Pensei não poder escolher melhor do que a palavra divina que me propunha meditar e escrever as reflexões.

Como o que mais me comove em toda a Escritura é a palavra de Nosso

⁷¹ Este Centro, depois de várias mudanças, deu lugar ao Serviço História e Aniversários.

⁷² CSJ no texto que segue abaixo

⁷³ Esta nota é da mão do P. Libermann

Congregação do Espírito Santo

Senhor Jesus Cristo no seu Santo Evangelho, escolhi o Santo Evangelho e preferi o de S. João, que sempre me tocou muito e onde o nosso divino Mestre fala quase sempre e nos ensina as verdades mais profundas, mais interiores e mais capazes de afectar uma alma. O modo como me dispus a ler esta santa e adorável palavra foi esforçar-me por penetrar no fundo mais profundo e ao mesmo tempo o mais simples do nosso divino Salvador. Nunca tomo um sentido figurado, mas esforço-me por ir direito aonde nosso Senhor quis ir directamente. Procuo dar-me conta de tudo, e penetrar no seu adorável interior para aí ver o seu divino pensamento mais do que o sentido único e estrito das suas palavras. Penso que tirarei muito mais proveito fazendo deste modo.

A minha intenção era escrever isto para meu proveito agora e para o poder voltar a ler um dia com fruto, e em seguida queimá-lo ou queimá-lo na primeira doença que me venha, para que estes cadernos não venham a cair em mãos estranhas; porque sinto em mim um orgulho demasiado para ousar mostrar estas coisas a outros, e temia ter pensamentos de amor próprio no terrível momento da morte se estes cadernos existissem. Mas, tendo falado disso, casualmente, ao meu confessor, ele disse-me que não seria preciso pensar em queimá-los nem agora, nem numa doença e acrescentou que na qualidade de director me proibia de me desfazer deles a menos que mais tarde um outro confessor mo permita. Portanto, é necessário guardar estes cadernos até nova ordem.

Eis porque previno aqui todos aqueles em cujas mãos eles possam cair que desconfiem muito das explicações e da doutrina que lá estão. Quem escreveu estas coisas só fez um pouco de teologia elementar, tal como era dada nos seminários de França; e além do estudo ter sido fraco, não abriu nenhum livro de teologia desde há cerca de dez anos. Também esqueceu totalmente o que viu no seu curso. Para mais, quase nunca leu a Sagrada Escritura com comentários, e o pouco que leu nos comentários fê-lo tão de passagem e há tanto tempo que não pode manter a mínima ideia disso. No momento em que escreveu estas reflexões, não tinha comentários; de modo que não fez mais do que meditar as palavras de nosso Senhor num pequeno Novo Testamento em latim, porque não sabe o grego. Tudo isto deve levar a ver que não se trata de um homem conhecedor da ciência da teologia; seria bom que o fosse. Eis porque, lendo estas coisas, é preciso examiná-las bem, antes de se formar um juízo fixo e determinado, por medo de cair em erros perniciosos. Quanto a mim que escrevo estas coisas, ponho a confiança em

Antologia Espiritana

Deus e na sua santíssima Mãe, esperando que me não deixem cair numa falta que prejudique a minha alma.

Garanto, na presença de nosso Senhor, da sua santíssima Mãe, de todos os anjos e de todos os santos, que renuncio, abjuro e detesto tudo o que se encontra nestes cadernos em oposição com a santa doutrina da Igreja, e parece-me que estou firmemente resolvido a antes morrer mil vezes do que acreditar numa coisa que seja rejeitada por esta santa Mãe que nosso Senhor nos deu; mas quero aderir absolutamente e sem a menor restrição a toda a doutrina que professam os sucessores de S. Pedro e tudo o que professaram desde a origem da Igreja até hoje. Renuncio também de todo o coração a tudo o que nestes cadernos esteja em oposição com os sentimentos dos santos Padres e dos principais doutores da Igreja. Pensei, no entanto, continuar a escrever apesar do perigo de dizer alguma falsidade, por causa do bem que daí espero tirar para a minha alma e pela razão de que mais tarde o meu confessor talvez me permita queimá-los, e se isto não acontecer, mandarei examinar por um teólogo tudo o que está escrito nestes cadernos. Espero na bondade e na misericórdia divinas que não farão mal a ninguém, mas que o seu santo nome será glorificado nisto e em tudo e por toda a parte, na terra como no céu, pelos seus anjos e santos, durante toda a eternidade. Amém.

Eis alguns extratos:

1. CSJ 3, 5-8

Jo 3, 5

Respondit Jesus: amen, amen dico tibi, nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei

Respondeu Jesus: em verdade, em verdade te digo, se alguém não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus

Nosso Senhor, manifestando infinita compreensão para com a fraqueza e a ignorância de Nicodemos, responde a tudo o que ele diz e a quanto se passa nele. Começa por lhe explicar o que é o renascimento de que acabara de lhe falar. Assim, retoma a sua frase anterior, explica-se melhor e acrescenta mais um ensinamento: é preciso renascermos da água e do Espírito Santo.

Congregação do Espírito Santo

A água é a figura, e o Espírito Santo é a realidade. Este renascimento espiritual é bem à imagem do nosso nascimento corporal. Neste, começa-se por estar no seio materno como numa prisão; estamos lá ligados e tolhidos, sem poder fazer qualquer movimento vital, embora tenhamos existência e vida; não contamos para o mundo, onde deveremos em breve fazer a nossa entrada. O mesmo acontece naquele: antes de nascer, a nossa alma está prisioneira do pecado, algemada e tolhida, incapaz de, por si, fazer qualquer movimento vital, embora tenha existência e vida natural. Tem amor às coisas que a rodeiam, a sua inteligência concebe-as e a sua vontade abraça-as; estas três faculdades estão nela por inteiro. Não obstante, somos uma nulidade para o Reino de Deus, que é esse mundo novo e desconhecido para nós.

Quando somos dados à luz, inverte-se por completo a situação, acontecendo o mesmo com o nosso renascimento espiritual.

Non potest introire (não pode entrar). Aqui Nosso Senhor diz mais que no versículo 3; mas vem a dar no mesmo porque é impossível ver o reino de Deus sem ter entrado nele. É que para o ver é preciso ter em si o Espírito Santo, dado que só à luz deste Espírito é que o podemos ver; e mal se receba o Espírito Santo fica-se logo dentro do reino de Deus. Mas sem este divino Espírito é que não podemos mesmo entrar nele. Porque este nascimento acontece por obra do Espírito Santo. Estávamos mortos antes do batismo; nossas almas estavam sem vida, porque a vida está toda em Deus, o único que tem em si mesmo a vida, como se diz no capítulo 1º. Antes do nosso batismo, Deus não está em nossa alma de uma maneira viva, ou seja, Ele não é em nossa alma o que ela é em nosso corpo; não é Ele o princípio de suas tendências, modos de ver e concepções, nem de seu amor; ela age à revelia de Deus, não o consulta em nada, e tudo o que faz é sob o influxo das suas tendências e não de Deus. Mas, depois do batismo, o Espírito Santo habita em nós de uma maneira viva e vivificante, torna-se o princípio de todos os movimentos da alma de cada um, como que a alma de nossa alma. Depende de nós o deixarmos nos tocar e influenciar por Ele e seguir as suas moções em fidelidade à sua graça e às nossas boas disposições. Quanto mais o Espírito Santo se tornar o princípio impulsor das tendências e disposições de nossas almas tanto mais perfeitos e santos nós seremos.

Se depois do batismo, saímos desta influência divina do Espírito Santo por ficarmos em pecado mortal, então a nossa alma morre, porque a sua alma,

Antologia Espiritana

que é o Espírito Santo, deixa de estar nela, deixa de lhe dar a vida. Dá-se à condenação o nome de morte eterna precisamente porque as almas neste estado de infelicidade estão sem a sua alma divina, que deveria fazê-las exuberantes de vida, e assim ficarão eternamente. Que desgraça!

O nosso divino Mestre serve-se aqui doutra palavra para dar dois ensinamentos, que acabam por constituir um só. Sem a água e o Espírito Santo não se pode, entrar no reino de Deus da terra, quer dizer na Igreja, nem no reino de Deus do céu, quer dizer, na glória. Estas duas coisas constituem uma só: o reino de Deus nas almas é um só e mesmo reino. Quem morre no reino de Deus na terra, quer dizer se ele morre tendo, na terra, Deus por seu rei, esse entra no reino de Deus no céu; e quem morre fora de seu reino na terra, esse não entra no seu reino do céu. A alma que está morta e não tem em si o Espírito Santo não pode ela própria adquiri-lo e, não o podendo adquirir, está morta para sempre e sem poder ter em si o reino de Deus.

A única diferença entre estes dois reinos de Deus é que o da terra é imperfeito: nascemos nele, mas podemos também morrer nele; contudo, mesmo mortos, estaremos sob a sua influência. Mesmo que, no fundo, a nossa alma não tenha realmente em si o reino de Deus, ela mantém a marca e o selo dos que pertencem a Deus no seu reino da terra.

O reino de Deus do céu é perfeito, e nenhuma alma pode lá entrar se não se apresentar cheia do Espírito Santo e dentro já do verdadeiro reino de Deus. Se na terra uma alma não tiver vivido completa e perfeitamente neste reino divino, se não foi o Espírito Santo mas sim a sua velha natureza que constituiu o princípio de seus afetos, desejos e inclinações, então, ao apresentar-se no reino celeste não pode entrar lá sem antes ser purificada de tudo isso que é incompatível com ele e sem que esteja sob o influxo exclusivo do Espírito de Deus, que a partir de então será nela, às claras, o que já antes era veladamente.

Quando Nosso Senhor diz : amen, amen dico (em verdade, em verdade vos digo) [...] estas palavras normalmente indicam uma declaração importante. Aqui Nosso Senhor disse-as por contraposição ao pensamento de Nicodemos, que antes pensara que bastava a prática da lei, e que depois, ao responder a Jesus, insinuou que talvez houvesse algum outro meio de se curar a natureza corrompida sem ter que se nascer de novo.

Congregação do Espírito Santo

Jo 3, 6

Quod natum est ex carne, caro est; et quod natum est ex spiritu, spiritus est.

O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu o espírito é espírito.

O que nasceu da carne não pode ser senão carne. Tal a semente lançada à terra tal o fruto que depois se colhe; por conseguinte, tudo o que provém da carne só pode ser carne; e se reentrássemos no seio materno para renascer, renasceríamos na mesma carnis, e todos os afetos, desejos, etc., e toda a vida que nos viesse da carne seria sempre carnal. Pela mesma razão, o que nasce do espírito é espírito; e tratando-se aqui da vida espiritual e sobrenatural, tem de concluir-se que ela só pode nascer por nascimento espiritual e sobrenatural, ou seja, a partir do Espírito Santo.

Nesta sentença de Nosso Senhor vemos as duas vidas que estão em nós e de que fala S. Paulo: duas vidas opostas e que em nós lutam entre si sem tréguas (cf. Gal. 5, 17; Rom. 7, 23): a vida da carne, provinda da natureza que recebemos por nosso nascimento carnal; e a vida do Espírito, recebida do Espírito Santo pela graça do nosso adorável Senhor Jesus.

Jo 3, 7

Non mireris quia dixi tibi: oportet vos nasci denuo.

Não te admires por eu te haver dito: é preciso renascer.

Assim, não te admires por eu te haver dito que tens de renascer. Já que tudo em ti é mau e incapaz de te levar a ver e gozar o reino de Deus, importa que tenhas outra e diferente gênese de vida, um outro nascimento, mas agora espiritual.

Jo 3, 8

Spiritus ubi vult spirat, et vocem ejus audis, sed nescis unde veniat, aut quo vadat: sic est omnis qui natus est ex spiritu.

O vento sopra onde quer; ouves sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai. O mesmo sucede com todo aquele que nasce do Espírito Santo.

Antologia Espiritana

Mas tu não entendes como se dá este nascimento espiritual; é o Espírito de meu Pai e meu que o causa, e este nascimento, ou esta ação do divino Espírito é como o sopro do vento. Ele sopra num lugar sem que nada o atraia para esse lugar mais do que para outro, sopra lá por efeito da vontade que o dirige ubi vult (para onde quer). Ouve-lo a soprar mas não o vês; como também não vês nem donde vem nem para onde vai: unde veniat aut quo vadat. O mesmo acontece com aquele que nasceu do Espírito Santo. Este divino Espírito sopra onde quer. É a vontade de meu Pai que determina o seu sopro divino.

O renascimento de nossa alma é sempre pura graça, e, em rigor, nunca ninguém a pode merecer. Pode-se tocar o coração de Deus, pela prática das virtudes naturais, para se obter dele esta grande graça, mas, por mais certa que ela seja, será sempre pura graça.

Primeiro, o Espírito divino sopra onde quer: não tens dentro de ti nenhum resto de vida que te possibilite este renascimento; tens, isso sim, tudo o que o pode dificultar e impedir. Mas o divino Espírito extrai de si mesmo essa vida e sopra onde quer fazê-la surgir, mesmo que seja na lama e no lodaçal da tua má natureza, morta e destituída de tudo.

Segundo, quem recebe este novo nascimento não dá pela chegada do Espírito divino, mas reconhece-o pela mudança completa que se dá em si: ouve a voz deste divino Espírito, voz meiga e celestial, que encanta a alma e lhe faz sentir que há nela uma outra vida diferente da anterior.

Feliz o que escuta bem esta divina voz e a segue! Santo e adorável Espírito, fazei-me escutar a vossa amável voz, refrescai-me com o vosso divino sopro. Quero ser para Vós como leve pena, a fim de que o vosso sopro me conduza para onde quiser e eu não lhe ofereça a menor resistência.

Terceiro, et nescis unde veniat aut quo vadat (e não sabes donde vem nem para onde vai). Por estas palavras Nosso Senhor diz-nos que quem teve a graça dum tal nascimento não consegue ver aquele que opera esta regeneração; não sabe donde é que Ele veio nem para onde vai, não o vê nem a partir nem a chegar. Tem-se em si, dentro da alma, uma pessoa divina viva e operante, sente-se a sua ação, que resulta nesta nova vida, mas é mesmo só isso o que se sente, e não a pessoa mesma, nem em seu princípio, nem no fim para que tende.

Congregação do Espírito Santo

2. CSJ 10, 1-3

Jo 10, 1

Amen, amen dico vobis: qui non intrat per ostium in ovile ovium sed ascendit aliunde, ille fur est et latro.

Em verdade, em verdade vos digo: aquele que não entra pela porta no redil das ovelhas, mas por outro lado, é ladrão e salteador.

A propósito da conduta dos fariseus, Nosso Senhor dá esta bela instrução aos pastores da sua Igreja, isto é, aos pastores de almas. Dirige esta parábola aos fariseus, que eram os pastores do povo judeu.

Nosso Senhor compara a comunidade dos fiéis a um redil. Aqui Ele fala em geral, para os fiéis tanto do Antigo como do Novo Testamento; por conseguinte, o que diz serve aos padres do Novo Testamento do mesmo modo que aos doutores e chefes do Antigo Testamento.

Por entrada no redil, Nosso Senhor não entende só o começar a exercer uma função, para o que dá por suposto que é preciso um chamamento divino. Ele dá uma reprimenda aos fariseus, mostrando-lhes que são ladrões e salteadores; mas não porque tivessem usurpado a vocação; estavam sentados na cátedra de Moisés, como diz Jesus noutra passagem, por sucessão legítima. Ele quer aqui referir-se especificamente a toda a ação continuada dos pastores para governarem e dirigirem os fiéis. A uma tal ação dá-se o nome de entrada no redil, porque para governar e dirigir como verdadeiro pastor é preciso entrar espiritualmente nas almas; é preciso que as almas se abram ao pastor e que, depois de entrar nelas, ele as dirija e governe.

Há duas entradas no redil, uma legítima e conforme à natureza do redil, e outra ilegítima e contra a ordem natural das coisas. À legítima e natural chama-se porta; qualquer outra entrada que não a porta, não é legítima nem natural. O pastor entra pela porta, porque o porteiro, que toma conta dela, abre-a para ele entrar. O estranho, que vem para roubar, não pode entrar pela porta, porque o porteiro não a abre para ele. Que faz ele então? Usa a força ou a astúcia para arranjar outra maneira de entrar. Assim, qualquer entrada que não a porta é entrada de ladrões.

Antologia Espiritana

Para saber qual é a porta legítima tem de se conhecer a natureza do redil e das ovelhas que nele estão; e para entrar nele é preciso ser o verdadeiro pastor ou vir em seu nome e com ele; porque nenhum estranho entra como pastor neste redil. É um redil todo espiritual e sobrenatural, as ovelhas são as pessoas consideradas em seu estado e dimensão espiritual e sobrenatural, pelo que a maneira de entrar tem de ser também toda espiritual e sobrenatural. Ora para entrar assim num redil desta natureza não há nem pode haver senão uma porta, Nosso Senhor e só Ele.

Uma pessoa que se ocupa da sua própria salvação e que não está encarregada dos outros é uma simples ovelha, que entrou no caminho da salvação e no redil do Pai Eterno por esta porta divina, a única por onde se pode entrar e que nos foi dada pelo Pai. Mas aquele que se ocupa não só de sua própria salvação mas também da do próximo, esse é pastor, enquanto encarregado das ovelhas; e, sempre que se desocupa de si e se preocupa com as ovelhas pelas funções pastorais de governo e de direção, entra no redil. Ora, tais funções só podem conduzi-lo ao redil de modo legítimo se realizadas em união com Nosso Senhor, que é a única entrada sobrenatural, o único meio para se agir de modo sobrenatural. Por isso, um pastor que queira entrar pela verdadeira porta, isto é, por Nosso Senhor, em todo o seu relacionamento com as pessoas para as governar e dirigir tem de ter uma perspectiva de fé e agir por força da fé animada pela graça. Quem desempenha funções pastorais com perspectivas e ações humanas e naturais, esse, ainda que tenha sido chamado legitimamente ao pastoreio, não entra pela porta, mas por uma das outras entradas. Estas são diversificadas, consoante as diferentes paixões que as norteiam, e consoante a ação mais ou menos culpável empreendida. Nesta situação, cada ação pastoral é feita não para governar e manter as ovelhas mas sim para vanglória e proveito próprio; porque, sempre que um pastor tem perspectivas e ações puramente naturais está a agir em proveito próprio. E como não tem direito a aproveitar-se das ovelhas a si confiadas, é ladrão e salteador.

Nosso Senhor junta estes dois termos, um dos quais significa roubar às escondidas e usando a astúcia, e o outro roubar às claras e usando a força, porque todos os falsos pastores usam os dois meios de roubar; assim faziam sobretudo os fariseus, como eles mesmos o revelam na polémica com o cego de nascença; usavam a astúcia e a força para o governar e o conduzir, e tais meios eram ilegítimos em suas mãos porque, não entrando pela porta, era de forma ilegítima que os usavam. Nisto consiste a censura de Jesus: eles não

Congregação do Espírito Santo

.....

entravam pela porta porque não tinham fé no Filho de Deus encarnado, ou seja, porque não entravam por Ele. E, não entrando pela porta, eram ladrões e salteadores, que queriam entrar com astúcia e à força, porque pela porta legítima não podiam entrar. Queriam agir nas almas independentemente de Nosso Senhor, que é a única porta, e para seu próprio interesse e vanglória.

Jo 10, 2

Qui autem intrat per ostium, pastor est ovium.

Mas o que entra pela porta é o pastor das ovelhas.

O versículo anterior mostrou-nos que Jesus é a porta. Para entender este que se lhe segue há que ter presentes duas verdades: primeiro, que há um só redil, a comunidade dos filhos de Deus, e um só Pastor, Jesus; segundo, que todos os que, encarregados do pastoreio, agem em nome, em união, segundo o modo de ver e com o poder do grande Pastor, se tornam com Ele uma só e mesma pessoa de tal forma que é d'Ele toda a sua ação pastoral, porque feita n'Ele e por Ele, o soberano Pastor, que dirige, alimenta e governa as almas. Por isso, o seu pastoreio é atribuído a este grande Pastor, o único a poder reclamá-lo como seu, e também a eles, mas só na medida em que resulte da virtude pastoral, atuante neles, do grande Pastor. Assim, os que não entram pela porta, isto é, não vêm por Nosso Senhor nem agem por Ele, são ladrões e salteadores, enquanto se aproveitam do que deveria ser de proveito para as ovelhas, que pertencem só ao soberano Pastor das almas; e não são pastores, porque só sabem sê-lo à revelia e contando com a própria força. Os que como acaba de ser dito.

Nosso Senhor ao dizer: pastor est ovium, diz simplesmente que Ele é pastor por si mesmo, e que aquele que entra por Ele o é n'Ele e por Ele, ou melhor, que Ele exerce o seu pastoreio por intermédio de quem entra por Ele. Eis por que, no versículo seguinte, ao falar deste pastor que entra por Ele, é de si mesmo que fala, do seu relacionamento com as ovelhas e de como as trata; e quanto aí se diz é dito com toda a justeza não só do que o divino Pastor faz sozinho mas também do que faz por intermédio dos que entram no redil por Ele. Por conseguinte, tudo o que Ele aí diz de si mesmo acaba por se aplicar também àqueles, exceto que nenhuma das ações deles é verdadeiramente deles, nem em sua gênese nem em seu termo e nem sequer, em grande parte, quanto aos meios ou maneiras de ser realizada, que são um exclusivo do soberano e único Pastor; de

Antologia Espiritana

contrário, eles não teriam entrado por Ele e seriam ladrões, porque as ovelhas não lhes pertencem, mas sim ao soberano Pastor de quem são propriedade (Et próprias oves [...]).

Este existir do soberano Pastor naqueles que vêm e que entram por Ele no redil, e a identificação destes com Ele não é uma coisa nova. É uma verdade ensinada em muitas passagens do Novo Testamento. O Filho de Deus encarnou para nos tornar participantes da sua natureza divina, consortes, diz S. Pedro (2Pe. 1,4); e S. Paulo diz: Vivo, jam non ego, vivit vero in me Christus (Gal 2,20). E não fala apenas dele, mas de todo o cristão; e repete a cada passo esta verdade ao falar da efusão do Espírito de Jesus em nós para que vivamos da sua mesma vida. Nosso Senhor repete-a também muitas vezes. Nosso divino Mestre estabeleceu cada sacramento como um canal específico pelo qual infunde em nós a sua vida, para que, seja qual for o nosso estado, Jesus viva em nós segundo esse estado. Por outro lado, estabeleceu o seu adorável Sacramento pelo qual se une às nossas almas fazendo uma só substância com elas. Deste modo, um simples cristão tem em si a vida privada de Jesus com o seu Pai; todo o padre que é verdadeiramente pastor em Jesus, além desta vida privada, tem em si ainda a vida pastoral de Jesus de relacionamento com as ovelhas.

Portanto, é verdade que tudo o que Nosso Senhor vai dizer d'Ele mesmo se aplica aos pastores que entram pela verdadeira porta; a não ser assim, teríamos de concluir do seu discurso que qualquer outro pastor que não Ele não seria verdadeiro pastor, mas ladrão, e isso não é verdade. Todos os que entram mesmo pela porta, tal como antes foi explicado, são verdadeiros pastores, mas é Jesus que é Pastor neles, e só a Ele é que pertencem as ovelhas, e eles não podem, em nenhuma situação, agir em seu próprio nome e em seu próprio proveito.

Jo 10, 3

Huic ostiarius aperit, et oves vocem ejus audiunt, et proprias oves vocat nominatim, et educit eas.

A este o porteiro abre, e as ovelhas escutam a sua voz, e ele chama-as pelo nome, e fá-las sair.

O redil espiritual dos que pertencem a Deus está fechado, e só é possível entrar lá legitimamente, de modo sobrenatural, passando por Nosso Senhor,

Congregação do Espírito Santo

que é a porta das almas. Mas não somos nós que temos o poder de abrir esta porta divina: o seu divino Espírito é que é o porteiro, é Ele que nos permite entrar por esta adorável porta. Os representantes do soberano Pastor, devem, sempre que queiram relacionar-se com as almas em suas funções pastorais, ir ter com Nosso Senhor para passar por Ele, e então o Espírito Santo abre-lhes as almas para que entrem e estabeleçam uma relação perfeita com elas. Mas só as abre porque vê neles Nosso Senhor, seja em sua entrada, seja em seu agir; porque ninguém mais a não ser o soberano Pastor, que é o dono das ovelhas, pode entrar e ser recebido nas almas.

Por aqui se vê quão puros devam ser os pastores de almas em seu labor pastoral e quão grande deva ser a sua fé, que há de ser a alma de tudo o que façam e estar despida de tudo o que seja amor-próprio e interesse particular.

Et oves vocem ejus audiunt. Quando se trata de falar às almas e de as instruir nas coisas divinas para a glória de Deus e a salvação delas, só há uma voz que se pode fazer ouvir, a do grande Pastor; pois, nenhuma outra, por mais forte que seja, é capaz de lhes fazer entender as verdades eternas, de modo a incutir nelas sentimentos de fé e de amor. Mas, mal ouçam a voz de Nosso Senhor, todas as almas que são verdadeiramente ovelhas, isto é, que têm em si a graça de Deus e que estão bem dispostas, param logo para apurar o ouvido, e depois recebem e acolhem a voz que as toca e seduz. Daí que, se um pastor quiser falar às almas e torná-las dóceis à graça, então que se encha do Espírito de Nosso Senhor e fale identificado assim com o divino Espírito do seu Mestre, e as almas boas ouvirão essa voz que lhes é familiar, e deixar-se-ão dirigir muito facilmente.

Et proprias oves vocat nominatim. Esta voz do divino Pastor, falando pela boca de seus padres, chama as suas ovelhas, as que lhe pertencem, que são propriedade sua, junta-as e toma conta delas. Que felicidade para as verdadeiras ovelhas terem verdadeiros pastores, em quem vejam o seu grande e único Pastor! Estes pastores falam-lhes a linguagem do seu divino Mestre e, assim, é este quem lhes fala, as toca e atrai a si.

Nominatim. Só o divino Pastor pode chamar cada ovelha pelo nome; mas Ele concede esta graça aos verdadeiros pastores, que agem e falam em seu nome e com o seu poder. O nome dum objeto ou duma pessoa é expressão da natureza desse objeto e do modo de ser dessa pessoa. Aqui, trata-se dum obje-

Antologia Espiritana

to espiritual e dum modo de ser sobrenatural das almas. Este modo de ser sobrenatural pode ser bastante diversificado; os caminhos de Deus nas almas, os seus desígnios sobre elas, o progresso da graça em cada uma, o seu estado e as suas disposições variam tanto que é impossível a alguém conhecer por si mesmo o estado interior duma alma, e o caminho que ela deve seguir; por conseguinte, ninguém é capaz de chamar as ovelhas pelo nome, quer dizer, discernir em cada uma o seu modo de ser, falar-lhe e dirigi-la segundo esse modo de ser, enquanto que Nosso Senhor, Ele que é o autor de todas estas graças e que conhece a fundo tudo o que se passa em cada uma dessas almas, as chama com amor e bondade infinitos, cada uma pelo seu nome, de acordo com o modo íntimo de ser de cada uma.

Et educit eas. O divino Pastor chama, assim, cada ovelha pelo nome, pelo seu estado e seus gostos íntimos, adaptando o chamamento a cada uma. E fá-las sair, isto é, faz que produzam obras, consoante o desígnio divino individualizado e o nome de cada uma, isto é, segundo a vocação, o estado e as disposições espirituais de cada uma.

Uma alma permanece no redil quando se recolhe em seu íntimo, envolvida nas disposições e na vida de seu divino Pastor; e uma alma sai seguindo o seu pastor quando, por força destas disposições interiores e da vida de Jesus, age no exterior transformando em ação esta vida de Jesus nela. Ora, só o divino Pastor é que pode chamar assim cada ovelha pelo nome (pois esta vida divina do adorável Pastor é muito diversificada nas ovelhas) e fazê-la agir assim, de acordo com o seu nome, isto é, segundo a especificidade da vida do Pastor nela.

Mas, pela bondade admirável deste divino Pastor para com as suas ovelhas, Ele comunica a sua vida e o seu ser espiritual àqueles que agem em seu nome, com o seu poder e com o seu divino Espírito, de modo que, em seus sacerdotes e por eles, Jesus faz as mesmas coisas que faz por si só. E o sacerdote que está assim santamente cheio de zelo pastoral e do Espírito que dele é a fonte, o sacerdote que age só por Ele e n'Ele, conhece também por uma graça sobrenatural, o estado das almas, chama-as pelo nome e fá-las agir segundo os desígnios de Deus e o toque especial de Nosso Senhor para cada uma; consegue assim fazer que avancem mais num mês do que o que teriam avançado em vários anos.